

culto



As estreias da semana

Além de "Daqui P'rá Frente", estreia-se nesta semana "The Darjeeling Limited" (na foto), o novo filme de Wes Anderson, e ainda "O Banquete do Amor", "Nome de Código: Cloverfield", "Detenção Secreta" e "O Comboio das 3 e 10", um western protagonizado por Russell Crowe e Christian Bale.

METRO

CATARINA RUIVO

"Faço filmes porque quero que as pessoas os vejam"

Esteticista inspirou o filme "Daqui P'rá Frente"

ENTREVISTA Uma conversa mantida há alguns anos inspirou Catarina Ruivo a fazer a sua segunda longa-metragem, que hoje chega aos cinemas. "Daqui P'rá Frente" foi escrito a meias com António Pedro Figueiredo, um dos protagonistas de um filme que fala de amor, de violência, de política e do quotidiano de um casal dos subúrbios. A realizadora de 36 anos e o actor/argumentista contam ao METRO como partiram da realidade para a ficção.

Qual foi o ponto de partida para esta história?
Catarina Ruivo (CR): Uma vez uma esteticista contou-me que na noite anterior tinha sido eleita cabeça de lista de um pequeno partido e que tinha andado sozinha a festejar, com o carro a apitar. Isso ficou comigo. Foi uma imagem que eu achei muito forte. A imagem de uma mulher cheia de força e corajosa.

Apesar de focar o dia-a-dia de um casal, esta é sobretudo a história de uma mulher?
CR: Quando comecei a escrever o argumento escrevi a primeira cena e percebi que ia ser uma

"Uma vez uma esteticista contou-me que na noite anterior tinha sido eleita cabeça de lista de um pequeno partido e que tinha andado sozinha a festejar"

história de amor. Foi a cena em que ela adormece à porta de casa, em que chega o polícia e a leva ao colo. Percebi que ele ia ser o marido dela.

Para fazer este filme teve de entrar no mundo dos pequenos partidos de esquerda ou do quotidiano de um polícia. Como foi esse processo?

CR: A polícia foi ótima conosco. Quando estava a escrever o argumento cheguei

"A Isabel [Ruth] é uma atriz fantástica"

a ir com eles numa ronda de carro. Houve cenas que foram construídas a partir de coisas que eles me contaram, outras a que assisti. No que respeita aos pequenos partidos, foi com base em coisas que perguntei a pessoas que pertencem a

pequenas células, como a linguagem, a hierarquia e o funcionamento. O resto inventei.

As duas participações especiais (Luís Miguel Cintra e Isabel Ruth) acabam por ser personagens com muita força. O diálogo entre mãe e filho é bastante real.
CR: A Isabel é uma atriz fantástica. Ver o que ela inventa de "take" para "take", as coisas que ela muda em diálogos e gestos é



A realizadora e o argumentista e actor António Pedro Figueiredo

algo muito bom de assistir.

E como foi trabalhar com a Adelaide de Sousa?
CR: Correu muito bem. Houve muito trabalho entre as duas e entre os três (com António Pedro Figueiredo).

Porque escolheu o Montijo para cenário do filme?
CR: Queria uma coisa na outra margem, também para mostrar aquela mulher, que está

todo o dia a fazer depilações, e que a seguir ainda perde um bocado do dia a ir para casa. Lisboa tem muito essa coisa da outra margem, das pessoas que passam metade do seu tempo a atravessar o rio.

Como é que foi o processo de construção da personagem do polícia?

António Pedro Figueiredo (APF) Eu e o Marcelo tivemos algumas aulas com os GOE (Grupo de Operações Especiais). Tive que aprender coisas que para eles são maqui-nais, como a algemar, ou a fazer detenções. Fiz a tropa, mas mal sei pegar numa arma. Coisas que podem parecer pequenas, mas que fazem com que nos sintamos à vontade para as executar. Andámos com os polícias nos giros e percebemos que é sempre uma relação a dois. Há sempre um que conduz e há rotinas que são constantes no dia-a-dia e é importante perceber como é a dinâmica.
CR: Na cena dos tiros no bairro, a forma como eles caminham perto um do outro foi filmada assim porque foi assim que eles aprenderam no curso. Achei imensa piada aquela forma de andar, quase como se fossem só uma pessoa. Como se a dupla de polícias fosse uma coisa física.

A pessoa que inspirou este filme sabe que a sua história está no cinema?

CR: Isso aconteceu há muitos anos, muitos antes de eu fazer o "André Valente".

Qual a receptividade que espera para este filme?

CR: Faço filmes porque espero que as pessoas os vejam. Espero que de alguma maneira o filme as emocione ou toque. OLGA TEIXEIRA

Na OPEL, o seu usado vale até mais 4.000 euros!

Troque agora o seu carro usado e aproveite uma valorização até mais 4.000 euros na compra de um modelo OPEL menos poluente. Venha conhecer todas as vantagens num Distribuidor Opel aderente.

Linha Opel 808 200 700 www.opel.pt

O valor de 4.000 euros corresponde a unidades com mais de 15 anos ao abrigo do Programa Veículos em Fim de Vida e inclui participação do Estado. Campanha válida até 31-03-2008 nos modelos Corsa, Meriva e Astra. Consumo combinado: 4,5 a 7,9 l/100km. CO₂: 119 a 189 g/km.

eco Mais OPEL... por si.

Um casal unido jamais será vencido

CRÍTICA Dora é esteticista, mas apaixona-se pela política, o que acaba por pôr em causa a sua vida conjugal com António, um polícia. A história de amor entre os dois é o ponto de partida

para um filme onde a realidade dos subúrbios, dos pequenos partidos e da violência urbana se cruzam com a luta por manter um casamento a funcionar. Esta não é uma história adocicada, apesar do

final "e colaram cartazes para sempre".

Há acção, discussão e também finas camadas de ironia, que tornam o "bolo" mais apetecível. Como a conversa entre mãe e filho, em que

aparece o inevitável: "Ai filho, estás tão magrinho". Ou a cena em que Dora tenta formar a sua lista para a junta de freguesia enquanto faz depilações. Ou os diálogos na sede do pequeno partido de

esquerda, em que a democracia é bastante estalinista e em que basta uma lufada de ar fresco para fazer ruir toda uma fachada de ideais gastos e de frases feitas.

Catarina Ruivo aborda as várias histórias sem pretensiosismos. A aparente previsibilidade dos primeiros 15 minutos é enganadora. Porque o

Catarina Ruivo aborda as histórias sem pretensiosismo

que parece garantido, pode cair a qualquer momento. O importante é compreender como se reconstrói o que se destruiu. O.T.